

## 17- A questão do acesso da Fonologia à Morfologia

Carlos Alexandre V. Gonçalves.\*

Neste artigo, pretendo mostrar algumas situações de interface entre os componentes prosódico e morfológico, apresentando brevemente o modelo da fonologia lexical - uma subteoria não-linear que (a) prevê um léxico estruturado, local de uma intensa relação entre regras de formação de palavras e fonológicas (segmentais e suprasegmentais) e que (b) distingue as lexicais das pós-lexicais (cf. Booij & Rubach, 1987).

De todos os fenômenos descritos pela tradição fonética (cf. Crystal, 1969), o Tom é considerado o que mais relação apresenta para com a Morfologia. De fato, os traços tonais podem veicular informações tradicionalmente atribuídas à Morfologia, como a indicação de categorias gramaticais, a expressão da flexão e a formação de novas unidades lexicais.

Como se sabe, os traços tonais ocorrem em todas as línguas, mas a função do Tom varia de língua para língua. Assim, o Tom pode ser ético ou êmico. Este último é o que estabelece distinção no nível da sílaba ou do pé nas chamadas línguas tonais (norueguês, chinês, servo-croata). A função do Tom contrastivo pode ser lexical ou gramatical. Num sistema de Tom lexical, esse fenômeno distingue o significado das palavras, como em Mixteco (uma língua indígena mexicana), em que a altura da primeira sílaba (alta ou baixa) marca a diferença entre 'árvore' ([chu3ku1]) e 'montanha' ([chu1ku2])<sup>1</sup>. Nesse caso, as diferenças no Tom aparecem associadas a raízes e a radicais.

Lehiste (1970) estabelece distinção entre Tom gramatical morfêmico e Tom gramatical categorial. Nos dois ca-

---

\* Professor de Língua Portuguesa da UFRJ.

<sup>1</sup> Os valores 1, 2 e 3 indicam, respectivamente, tom baixo, médio e alto.

tos, não há alteração no sentido ou na estrutura aberta do item lexical. As diferenças se dão em termos de categorias gramaticais, unicamente. Assim:

Tom Lexical
Muda o sentido lexical básico; não assinala mudanças na função gramatical das palavras.

Tom gramatical
Não muda o sentido lexical básico; assinala apenas uma mudança na função gramatical das palavras, como a indicação do tempo, do caso e da pessoa.

Em servo-croata, a diferença entre a primeira e a terceira pessoa do verbo é expressa pela altura das sílabas finais. Assim, [yau3na2ra3] indica a terceira pessoa do pretérito ('ele ficou'), em oposição a [yau3na1ra1] que veicula a informação de primeira pessoa desse mesmo tempo ('eu fiquei').

Dessa forma, se o Tom pode assinalar diferenças como a indicação do tempo e da pessoa, além de poder formar palavras, clara está sua situação de interface para com a Morfologia e isso a própria tradição fonética já reconhecia. O Tom, no entanto, não é o único fenômeno prosódico que acessa informações morfológicas; o acento de palavra também dá mostras de uma profunda correlação entre Fonologia e Morfologia. Para evidenciar isso, vou recorrer ao modelo da Fonologia Lexical (doravante FL).

No âmbito da FL, três questões são particularmente relevantes:

(i) como as regras fonológicas interagem com as estruturas morfológicas?

(ii) as estruturas fonológicas e morfológicas são idênticas? Há isomorfismo entre elas?

(iii) o que a Fonologia precisa saber da Morfologia?

A FL trabalha com um pressuposto geral: há hierarquia de constituintes prosódicos no léxico (cf. Booij & Rubach, 1987); constituintes estes motivados pelo não-

isomorfismo entre Fonologia e Morfologia. Por exemplo, a categoria 'palavra' é comum aos dois componentes. Entretanto, a palavra prosódica - uma das categorias fonológicas hierárquicas propostas por Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986) - não é necessariamente isomófica em relação ao output do componente morfológico: não há sobreposição categórica entre elas.

Em português, as vogais médias de primeiro grau só podem ocorrer em sílabas acentuadas, conforme lembra Mattoso Camara Jr. (1970) e isso explica a alternância entre [e] e [ɛ] nas palavras 'bela' e 'beleza': após a derivação [e] passou a ocupar a posição pretônica, neutralizando-se com [ɛ]. Como explicar, no entanto, a existência de um [e] não-acentuado em palavras como 'belíssima' ou 'belamente'?

Na verdade, sufixos como -mente e -íssima são portadores do acento principal, que é uma propriedade da palavra prosódica. Para explicar a ocorrência excepcional de vogais médias de primeiro grau em posição átona, podemos considerar esses afixos palavras fonológicas independentes. Como o acento é propriedade da palavra prosódica, o acento lexical é atribuído a ambas as seqüências (radical + sufixo), sendo apagado o primeiro depois de pronta a palavra morfológica.

Em alguns casos, esse apagamento pode se dar por colisão acentual. Como o acento é aplicado no nível da palavra prosódica, em alguns casos de derivação, há necessidade de se criarem outras regras, como evite choque de acentos, para explicar casos como:

(01)

[CAFÉ]W	[ZÍNHO]W	[SÓ]W	[MÉNTE]W
( . * )	( * . )W	( * )	( * . )
( * * )	( * * )	Evite choque de *	
( * )	( * )	( * )	( * )

Um ponto particularmente importante na FL é a diferença entre dois tipos fundamentais de regras fonológicas: as lexicais (aplicadas no léxico, em conexão com as regras de formação de palavras) e as pós-lexicais (cuja aplicação se dá fora do léxico, na saída da sintaxe). No quadro abaixo, registram-se as principais diferenças entre os dois tipos de regra:

Lexicais
fazem inspeção à estrutura interna das palavras (reconhecem formativos), são regras que lêem rótulos.
não podem se aplicar fora de palavras (aplicação intravocabular).
podem ser cíclicas (atuar nos vários ciclos da derivação).
tem exceções.
conhecem categorias lexicais (verbo e não-verbo).

Pós-lexicais
"cegas" à estrutura mórfica das palavras (não conhecem formativos).
aplicam-se extravocabularmente.
são necessariamente não-cíclicas.
não tem exceções.
não conhecem tais classes (aplicam-se indistintamente a todas as classes).

Vejamos como atua a regra de acento em língua portuguesa para mostrar que esse fenômeno acessa informações morfológicas, afigurando-se como regra lexical. Em primeiro lugar, há necessidade de se reconhecerem duas regras para o acento: a dos verbos e a dos não-verbos (substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, advérbios). Esta última tem como domínio o radical (sempre a última vogal do radical é a acentuada) e a primeira tem como domínio a palavra como um todo. O locus de aplicação das regras é diferente porque nos não-verbos é possível partir-se do radical, mas não nos verbos.

Algumas evidências de que há duas regras de acento em português são apresentadas a seguir:

- (a) o acento distingue o verbo do não-verbo, isto é, a categoria lexical é definida pelo acento. O verbo é paroxítono e o não-verbo correspondente é sempre proparoxítono.

- (02) fórmula-formula  
número-numero  
válido-valido  
exército-exercito
- (b) sufixos flexionais não-verbais não alteram a atribuição do acento, enquanto os verbais modificam a posição do acento principal, isto é, interferem na regra do acento:
- (03) gáto-gátos; professor-professóres  
âma-amâmos  
fálam-falávam-falaríam

Nos não-verbos, a flexão está fora do domínio de atribuição do acento, não interferindo em seu algoritmo, ao passo que nos verbos a flexão consta do domínio da regra. Nesse sentido, o acento é sensível à categoria morfológica, aplicando-se de forma diferenciada em verbos e não-verbos.

Outra evidência de que o acento “conhece” informações morfológicas está no fato de o algoritmo acentual levar em conta a estrutura morfológica da palavra. Sendo assim, esse fato constitui argumento para considerar o acento como regra lexical, uma vez que faz inspeção à estrutura interna da palavra, ao acessar informações do tipo radical, tema e palavra.

Uma terceira prova de que em português o acento é regra lexical está no fato de só poder ser aplicado no nível da palavra. Evidência disso, é o fato de a colocação de clíticos não mudar a posição do acento: Disse-lhe; avistei-o/o avistei; encontrar-me-ei. Em latim, ao contrário, a colocação de um clítico alterava a posição do acento, como em arma/armásque; légis/legísne.

Um quarto argumento que evidencia o comportamento lexical do acento e sua interface com a Morfologia é a questão do ciclo. De fato, a regra do acento se reaplica a cada vez que for acrescentado um sufixo derivacional a um dado vocábulo: constituição > constituicional > inconstitucionalíssima > inconstitucionalíssimamente.

Também a questão da excepcionalidade evidencia o caráter lexical do acento. De fato, a regra do acento do não-verbo tem nas proparoxítonas seu maior empecilho. A solução é usar diacríticos ou expedientes como a extrametri-

calidade paradar conta dos casos marcados (cf. Bisol, 1992 e Lee, 1995). Somente as regras lexicais podem ter exceções. As pós-lexicais aplicam-se categoricamente aos dados, como a que converte [t] em [ts] diante de [i] ou a que preenche o traço sonoro da sibilante em posição de coda.

Todas essas evidências vêm mostrar que não somente o tom revela interface com a morfologia, mas também o acento. De fato, por reconhecer classes de palavras e formativos e por ter aplicação intravocabularmente, o acento se afigura como regra atuante no léxico, local em que os componentes morfológico e fonológico intermisturam-se.

### Referências Bibliográficas

- BISOL, Leda . O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22 (1): 69-90, 1992.
- BOOIJ, Geert & RUBACH, Jerzy Postcyclic versus postlexical rules in *Lexical Phonology*. *Linguistic Inquiry*, 18 (1): 1-44, 1987.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CRYSTAL, David *Prosodic systems and intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- LEE, Seung-Hwa). *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: UNICAMP/ IEL, 1995.
- LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge: The MIT Press, 1970.
- NESPOR, Marian & VOGEL, Irene (). *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- SELKIRK, Elizabeth (*Phonology and syntax: the relations between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.